

POR DENTRO E POR FORA DA FRONTEIRA AGRO BRASILEIRA

DINÂMICAS PRODUTIVAS E SOCIOESPACIAIS DEPENDENTES

Prof. Me. Evaldo Gomes Júnior (FACE/IEDAR/Unifesspa)

Prof. Dr. Vicente Eudes Lemos Alves (IG/Unicamp)

Esta proposta de Sessão Livre pretende promover um diálogo no caminho dos questionamentos levantados pelo tema geral do XVIII Enanpur, "TEMPOS em/de TRANSFORMAÇÃO-UTOPIAS". O fenômeno de expansão produtiva nas regiões do Centro-Norte-Nordeste do Brasil nos parece fugir de uma possível síntese continuamente, dada a instabilidade de sua própria base material. Em torno de tal processo, geralmente caracterizado pela expansão da fronteira agromineral, assiste-se também a novas articulações, transformações diversas nas hierarquias e redes urbanas regionais, nos grandes eixos logísticos e nas relações sociais de produção entre as frações de capital e a força de trabalho disponível para tal expansão produtiva.

Nossa proposta se mostra relevante no contexto de discussão deste encontro nacional para destacar não só as regularidades desses processos, sujeitas às formas mais gerais de reprodução capitalista por meio da exportação de commodities, como também as especificidades que apresentam nas diversas regiões onde há articulação recente entre a agroexportação e outras formas da inserção do capital. É comum creditar ao avanço da fronteira uma homogeneidade econômico-espacial regulada por um tipo único de rede de produção e de ordenamento territorial. Um exemplo disso é considerar todo o interior do país como uma região agrícola e as cidades que crescem com estes processos de "cidades do agronegócio". Tais assertivas desconsideram a diversidade das formações sociais das regiões que estudamos. O avanço produtivo recente - seja por meio da agropecuária, da agroindústria, da extração mineral, do financiamento desta produção, da rede de comércio e serviços em cidades de porte intermediário, da construção civil etc. - conforma um novo padrão de ocupação de territórios, mas também se assenta em formas específicas de relações entre o local e o regional entranhadas às escalas nacional e global. A estrutura global que leva este tipo de integração adiante também tem vinculação direta com as recentes políticas públicas de desenvolvimento regional.

A dinâmica produtiva brasileira nas três últimas décadas caracterizou-se pela expansão de cadeias produtivas voltadas para exportação e o conseqüente ordenamento territorial articulado por elas. Após a fase longa de industrialização, e o subseqüente período de crise de acumulação nos anos de 1980, nos anos noventa retornou-se à base exportadora como condição geral da reprodução capitalista nacional. Seu auge foram os anos 2000,

quando a produção chinesa alavancou os mercados mundiais de *commodities*. Nos marcos desta fase a integração regional garante que se aproveite ao máximo as especificidades de cada região de maneira articulada com tal expansão produtiva. Os efeitos econômico-espaciais desse período podem ser observados pelas novas frentes de expansão produtiva que se configuram no país via reocupação territorial pelo capital.

Esta reconfiguração pode ser observada na força irradiadora de São Paulo para o capitalismo nacional. Apesar de ainda ser a metrópole nacional e garantir o topo da hierarquia urbana do país, observa-se a redução de sua condição de região que operacionaliza a integração nacional, ainda que sustente segmentos econômicos fundamentais da indústria e da finança. Em razão disto temos um novo tipo de divisão espacial do trabalho no país, em que a hierarquização antes centralizada por este centro irradiador do processo de industrialização é substituída pela formação de centros regionais de produção de mercadorias exportáveis cuja realização só ocorre com fins de atender o mercado mundial. É neste sentido que se expandem, por exemplo, os chamados portos do Arco Norte – Miritituba, Santarém e Vila do Conde no Pará; Itaqui no Maranhão; Pecém no Ceará; Suape em Pernambuco – estão entre aqueles que mais cresceram em movimentação de carga no país. Os dados oficiais de comércio exterior (Ministério da Indústria, Comércio exterior e Serviços) nos mostram que esses portos cresceram, principalmente, em volume de bens resultantes da produção do campo: agropecuária, fruticultura e mineração.

As órbitas de produção e circulação dos capitais presentes nesta expansão se apresentam como a forma mais dinâmica de reprodução capitalista no país. A despeito da participação relativa na produção nacional ser inferior àquela observada no Centro-Sul do país, a reestruturação produtiva do Arco Norte apresenta o nível mais elevado de articulação entre essas órbitas, numa economia dependente, diante da configuração atual do comércio global. É por isso que observamos a antecipação de compra de terras para investimentos futuros por fundos internacionais de investimento na região do Matopiba. O documentário *Land Grabbing* (Áustria, 2015) nos revela que a apropriação de regiões tropicais para expansão da produção de bens agrícolas exportáveis não é uma “jabuticaba brasileira”. Revela-nos também toda uma rede de vinculações e controle por parte de capitais transnacionais em torno destes processos.

No caso do Brasil, verifica-se que esta expansão não é linear no tecido espacial do Centro-Norte-Nordeste brasileiro. No caso, a ideia de criação da região de expansão do Matopiba busca homogeneizar uma expansão que não é espacialmente igual e que não ocorre somente naquele recorte geográfico. Neste sentido, podemos observar que no Nordeste brasileiro há um limite de expansão da produção de grãos coincidente com os limites geográficos entre os biomas Cerrado e Caatinga. Nem por isso deixamos de evidenciar alterações substanciais na dinâmica econômica de outras localidades e eixos da macrorregião nordestina. Isso decorre da condição desta expansão produtiva recente incorporar eixos logísticos, entroncamentos urbanos regionais e outras localidades que reproduzem a expansão da fronteira, mas que não estão geograficamente vinculados aos vetores de expansão mais específicos da fronteira agromineral.

Por isso, o objetivo desta Sessão Livre é ampliar o debate interdisciplinar sobre o avanço a produção agromineral nas últimas décadas no Brasil e a consequente formação de

outras centralidades para além das metrópoles brasileiras. Nossa hipótese é que há um direcionamento da expansão produtiva nacional para espaços de produção e comercialização não-metropolitanos no Brasil em razão da própria forma de inserção no mercado externo e em função da organização especializada desta produção no território. Além disso, a viabilização desta produção ocorre por meio da manutenção das contradições estruturais da economia nacional, garantida, via de regra, pela concentração fundiária e uso indiscriminado de expedientes que regulam o custo da força de trabalho mantendo-o abaixo de seu valor de reprodução. Ainda que tenhamos uma reconfiguração da dinâmica capitalista mais acelerada no Arco Norte, permanecem as condições estruturais de reprodução capitalista do país nesta porção do território, assim como no Centro-Sul: a dependência econômica e seu conseqüente subdesenvolvimento da reprodução social. De outra forma não teríamos mais conflitos por terra ou a formação de centralidades urbanas de porte intermediário com os mesmos problemas sociais das metrópoles.

Tal objetivo só é possível quando integra percepções de distintos espaços de reprodução desta expansão da produção agromineral e de suas especificidades regionais como articuladores dos vetores de exportação. Estas distintas percepções também trazem consigo variados condicionantes que se entrelaçam ao fenômeno principal e o justificam como uma realidade substancial dentro das formas gerais de acumulação de capital. Por isso a diversidade regional na composição dos nomes da Sessão: Prof. Evaldo Gomes Júnior (IEDAR/Unifesspa), Prof. Vicente Alves (IGE/Unicamp), Profa. Larissa Alves (PLANDITES/UERN), Prof. Lima Jr. (URCA e PLANDITES/UERN) e Prof. Fernando Michelotti (IEDAR/Unifesspa). Estes autores trazem consigo um acúmulo relevante nos estudos regionais mais recentes, em temáticas que abordam o avanço produtivo sobre o território – novas regionalizações; rede urbana e urbanização; e conflitos.

INSERÇÃO COMPETITIVA EXTERNA CEARENSE, INFRAESTRUTURA E OS REORDENAMENTOS TERRITORIAIS

Prof. Dr. Francisco do O' de Lima Júnior (PLANDITES/UERN; URCA)

Prof. Dr. Fernando Cezar de Macedo Mota (CEDE/IE/Unicamp)

A dinamização econômica e produtiva observada na economia cearense ganharam destaques pelo impulso dado à dotação de infraestruturas instrumentais ao avanço do processo de sua inserção comercial nos fluxos da economia mundial. Destacam-se grandes projetos neste estado, alguns já em operação e outros em fase de construção. Dentre eles estão: o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), a expansão do Aeroporto Internacional Pinto Martins em Fortaleza com seu *hub*, a Ferrovia Transnordestina ainda não finalizada, o Cinturão das Águas e as obras de urbanização nas cidades médias. O presente trabalho tem por objetivo investigar os reordenamentos territoriais articulados por estes projetos. Dentre outros aspectos observou-se que tais equipamentos priorizam as vantagens competitivas de inserção da economia cearense no contexto econômico internacional, como etapa avançada de um modelo de desenvolvimento implantado neste estado ainda em fins dos anos 1980. Seu corolário vem a reboque da busca de diversificação produtiva atuando

em ramos da indústria de base, modernização nos setores agrícolas e eficiência no transporte de sua produção, desconcentração econômica territorial imprimindo uma nova divisão espacial do trabalho no território do Estado.

EXPANSÃO DA PRODUÇÃO AGROMINERAL NO SUDESTE PARAENSE E OS CONFLITOS POR TERRA

Prof. Me. Fernando Michelotti (FCAM/IEDAR/Unifesspa)

Um desafio para os estudos urbanos e regionais, especialmente das frentes de expansão de commodities agrominerais, é revelar as contradições presentes nos processos de acumulação de capital decorrentes das dinâmicas de produção/circulação, mas também do mero direito de propriedade, que se expressam nas disputas em torno da produção do espaço. A partir da perspectiva de análise de circuitos espaciais de acumulação, pretende-se refletir sobre as dinâmicas recentes de expansão agromineral em uma região específica, o sudeste paraense, identificando os agentes e processos determinantes, bem como suas relações de poder em múltiplas escalas. Na região estudada, os conflitos pela apropriação da terra assumem relevância como expressão dessas contradições, explicitando o confronto entre diferentes forças sociais e distintas perspectivas territoriais. Os interesses das grandes corporações minerais e agropecuárias, vetores principais da produção de um espaço do agro-mínero-negócio, associado a interesses mais específicos de frações regionais do capital agrário e comercial, conformam alianças que legitimam a concentração fundiária e buscam retirar a reforma agrária da agenda política. Apesar de fortalecidos pela sua vinculação ao pacto do agronegócio articulado em escalas mais amplas, esses interesses enfrentam resistências regionais construídas ao longo de amplos processos histórico-geográficos de politização da luta pela terra, que também marcam e conferem especificidades às dinâmicas socioespaciais.

DINÂMICAS URBANO-REGIONAIS EM TERRITÓRIOS DE FRONTEIRA INTERNA

Profa. Dra. Larissa da Silva Ferreira Alves (PLANDITES/UERN)

Este trabalho objetiva compreender o Alto Oeste Potiguar como uma região de fronteira interna, localizada no Rio Grande do Norte (RN), entre os estados da Paraíba (PB) e do Ceará (CE), dimensionada pelas dinâmicas urbano-regionais lideradas pelo município de Pau dos Ferros/RN, como centro polarizador. Para tanto, faz-se um percurso teórico que envolve os conceitos de território, fronteiras e dinâmicas urbano-regionais, e um percurso metodológico, em que articula esses conceitos à análise de dados de origem residencial de alunos de ensino superior e de movimentos pendulares de pessoas para estudo e trabalho em Pau dos Ferros. Constatou-se que o Alto Oeste Potiguar se caracteriza como uma região-fronteira interna por se situar nos limites de estados cujo desenvolvimento foi marcado por essa condição, distante dos ecúmenos, e por conter específica dinâmica urbano-regional, ao compasso de um centro polarizador que converge para si hodiernas dinâmicas sociais e econômicas.

APROPRIAÇÃO FUNDIÁRIA NA EXPANSÃO PRODUTIVA DA AMAZÔNIA ORIENTAL

Prof. Me. Evaldo Gomes Júnior (FACE/IEDAR/Unifesspa)

A dinâmica recente de expansão do uso de terras na Amazônia oriental e algumas regiões dos cerrados para produção de grãos e pecuária atestam a continuidade do processo secular de ocupação do território nacional pela grande propriedade privada de terra. A manifestação ainda presente da violência contra os camponeses e o aumento permanente de preços das terras na região são consequências disto. A partir de uma discussão que vincula a expansão agropecuária na porção oriental da floresta amazônica aos processos gerais de reprodução do capital apresentaremos evidências econômico-espaciais recentes do crescimento dos preços das terras e suas consequências nestes circuitos de acumulação: substituição de pequenos produtores pela grande propriedade, aprofundamento da vinculação entre produção do campo e grandes grupos controladores da indústria mundial de alimentos e a generalização da grande propriedade privada monocultural como principal eixo dinâmico da reprodução capitalista no campo, em detrimento de outras práticas de uso e ocupação do solo no Brasil. A síntese destes processos nos ajudará compreender como modelo agrário capitalista brasileiro depende de uma reforma agrária nos moldes de outras economias capitalistas.